

Maputo admite extensão da guerra

A EXTENSÃO da guerra em Moçambique mas também uma maior eficiência das suas Forças Armadas foram esta semana confirmadas por um comunicado do Estado-Maior do Exército. De acordo com o documento, as Forças Armadas teriam, nos últimos seis meses, em diversas ofensivas militares, destruído 101 acampamentos e causado 1131 baixas à Renamo.

Em Maputo circulam entretanto insistentes rumores de que antes do final do ano o Exército irá lançar uma ofensiva de grande envergadura num corredor, ao longo do rio Nkomati, desde a fronteira até cerca de 30 quilómetros da costa. Nesta zona, com as indicações existentes, estarão aquartelados os grupos que nos últimos meses têm operado nas estradas que ligam a capital à África do Sul e à província de Gaza.

Embora seja contestada a existência de uma escalada das acções da Renamo depois da assinatura do acordo de Nkomati, um oficial do exército confirmou-nos esta semana que efectivamente «o nível de violência aumentou nos últimos meses».

As duas províncias onde hoje se vivem os piores momentos são sem dúvida as de Maputo e Nampula — no Norte. Meios civis e militares manifestam a convicção de que a África do Sul «continua a ter uma mão activa nas acções da Renamo».

Em contrapartida as províncias de Gaza, Inhambane, Manica e Sofala, Zambézia e Cabo Delgado conhecem uma significativa diminuição de ataques a alvos civis e objectivos económicos.

Segundo fontes militares as acções do último mês indicam «o regresso ao tipo de sabotagem

praticada anteriormente a Nkomati». De acordo com os mesmos círculos, a destruição a 30 de Novembro de 14 postes de alta tensão em Maputo e de outros quatro na Beira, bem como o assassinio de 14 pessoas, dia 5 deste mês em Niassa, são o tipo de actividade frequente quando a Renamo era reconhecidamente inspirada por Pretória.

Em Maputo, após essa sabotagem, a energia foi restabelecida rapidamente e os sul-africanos na ocasião enviaram três helicópteros e técnicos para apoiar os trabalhos de reparação. No entanto, isso não evitou que na capital moçambicana se falasse de um alegado envolvimento da África do Sul na sabotagem. «A operação contra os postes envolveu gente muito especializada», garantiu um engenheiro da Electricidade de Moçambique.

Os postes foram derrubados com explosivos e, em seguida, um grupo de sabotagem adianta a mesma fonte, teria «trabalhado entre a meia-noite e as cinco da manhã na colocação de cargas explosivas em doze outros pontos para destruírem completamente a estrutura metálica dos postes», atrasando deste modo, ao máximo, o restabelecimento das ligações.

As linhas eléctricas atingidas situam-se ao longo do eixo rodoviário Maputo-Africa do Sul, onde nos últimos meses se têm verificado várias acções contra viaturas civis. Entre as vítimas contam-se, além de duas dezenas de moçambicanos, três cidadãos portugueses.

O aumento da actividade da Resistência nesta área coincide com crescentes rumores de que, já após o acordo de Nkomati, armas e equipamento militar têm

transitado da África do Sul para Moçambique através de um Bantustão e de Inguavuma, numa zona conhecida por Colakoco, perto da fronteira com a Swazilândia. Informações idênticas foram-nos prestadas por portugueses, quer em Pretória quer na Namaacha.

O recrudescer das acções da Renamo coincide com o impasse a que, aparentemente, chegaram as conversações em Pretória. Segundo a análise de diplomatas ibéricos a resistência estaria a procurar «pressionar Moçambique para ver até onde podem resistir sem fazerem concessões». O Governo de Maputo continua porém a não dar quaisquer sinais nesse sentido. No entanto meios diplomáticos e círculos financeiros internacionais interrogam-se até que ponto Maputo poderá resistir à crise económica. A falta

de divisas fortes impôs já importantes restrições ao fornecimento de combustíveis, o que se reflectiu na agricultura e transportes.

Os dirigentes moçambicanos continuam no entanto a demonstrar grande serenidade quanto à evolução do processo, convictos de que a combinação de ofensivas militares com a diplomacia irá produzir resultados positivos antes de decorrer um ano sobre o encontro de Nkomati. Os acordos são encarados pelo Governo moçambicano como um dos principais instrumentos de defesa, e, entre os observadores políticos começa a admitir-se que Maputo possa vir a exigir de Pretória o seu integral cumprimento sob pena de Moçambique vir a «quebrar o mais significativo passo dado pela África do Sul este ano».

Entretanto, os dois países celebraram na semana passada um importante acordo de pescas, que prevê a utilização recíproca das águas territoriais pelas duas frotas de pesca.

Alves Gomes
em Maputo.